



Educadores sociais portugueses: Pertinência, formação e identidade profissional em (re)construção

***(Portuguese social educators: relevance, training
and professional identity in (re)construction***

*Sílvia AZEVEDO*¹

Universidade Portucalense — Porto

*Bruno FERREIRA*²

ISEC Lisboa

*Cláudia LUÍSA*³

Escola Superior de Educação e Comunicação - Universidade do Algarve- Faro

Vanda RODRIGUES

Viseu Social - Viseu

RESUMO: A Educação Social é uma profissão social e educativa que veio colaborar na clarificação de competências face a outras áreas similares, nomeadamente de profissões de ação social, com mais anos de intervenção em Portugal.

A identidade profissional dos educadores sociais tem sido realizada pela práxis dos próprios profissionais, mas também fortemente fomentada pela Associação Profissional que os representa, a Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social (APTSES). O associativismo e os seus movimentos sociais têm sido cruciais no desenvolvimento da profissão e do perfil do educador social.

Num panorama de transformações e dinâmicas sociais inesperadas, pautadas ao longo destes últimos anos pela Pandemia da COVID-19 e pela ocupação da Ucrânia pelas tropas russas, a Educação Social revela-se um campo profissional em expansão, cujos instrumentos e metodologias de intervenção exigem uma adequação e avaliação contínuas, uma nova formalização, compromisso e legitimação profissional e científica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Social; Pedagogia Social; Identidade; Ciência; Desafios.

¹ INED - Centro de Investigação e Inovação em Educação

² Escola de Educação e Desenvolvimento Humano — Lisboa

³ CEAD - Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

ABSTRACT: Social education has become recognised as a distinct social and educational profession from other, more established social work professions. The professional identity of social educators has been constructed through both their own teaching practice and the support of the professional association that represents them: the Association of Social Education Graduate Professionals (APTSES). Association membership and activities have played a key role in the development of the profession and profile of social education. Against the backdrop of unexpected social transformations in recent years, including the COVID-19 pandemic and the occupation of Ukraine by Russian troops, social education has emerged as a profession in constant development, requiring new recognition, legitimisation and commitment to its role and responsibilities, and continuous reassessment of its tools and methodologies.

KEYWORDS: social education; social pedagogy; identity; science; challenges.

Introdução

A identidade profissional do Educador Social encontra-se devidamente enquadrada juridicamente na legislação portuguesa e internacional.

Em Portugal, o caminho da Educação Social impulsionou-se através da licenciatura em Ciências da Educação (1987/88) da Universidade do Porto. A interligação das Ciências da Educação com as Ciências Sociais e Humanas fecundizou a Educação Social.⁴ Mais tarde, com a criação dos cursos de bacharelato em Educação Social, na Escola Superior de Educação do Porto (1993), e posteriormente na Escola Superior de Educação de Santarém, estreou-se um período para a Educação Social em Portugal, baseado numa perspetiva de intervenção e também de investigação. Apesar de se tratar de um curso de bacharelato, esta primeira formação de grau superior na área da Educação Social, foi um marco determinante para o seu desenvolvimento, quer pela produção dos primeiros conhecimentos de intervenção social, quer pela melhor preparação científica e metodológica dos futuros profissionais e investigadores e de descoberta de novos campos de atividade profissional.⁵ O papel profissional e académico da Educação Social foi-se destacando de tal modo, que em 1996, emergiu a primeira licenciatura em Educação Social, passando o profissional da Educação Social a prestar outro tipo de suporte social, educativo, pedagógico, social e formativo, preventivo e de reabilitação de problemas sociais.⁶

Dependendo do tipo de influências que estiveram na base da criação dos cursos de Educação Social em Portugal, o perfil formativo-profissional assumido foi o do Educador Especializado. Neste caso, o Educador Social, incorporando esta tradição, privilegia um

⁴ Sílvia Azevedo, *Técnicos Superiores de Educação Social: Necessidade e Pertinência de um Estatuto Profissional* (Porto: Fronteira do Caos, 2011).

⁵ Sílvia Azevedo, *Técnicos Superiores de Educação Social: Necessidade e Pertinência de um Estatuto Profissional* (Porto: Fronteira do Caos, 2011); Isabel Timóteo e Ana Bertão, *Educação Social Transformadora e Transformativa: Clarificação de Sentidos*, *Sensos 2*, n.º 1 (2012).

⁶ Sílvia Azevedo, *Técnicos Superiores de Educação Social: Necessidade e Pertinência de um Estatuto Profissional* (Porto: Fronteira do Caos, 2011).

perfil voltado para a ação social e inscrito no “Trabalho Social”. O seu papel reveste-se de uma intervenção de caráter pedagógico, mas os seus destinatários são os indivíduos classificados em categorias como: desfavorecidos, vulneráveis, excluídos, inadaptados, problemáticos, em situação de risco.⁷

No início da segunda década do século XXI (2010), encontramos a Educação Social alicerçada numa sociedade em rede, vemo-la como um Direito de Cidadania e, ainda, como uma profissão de caráter pedagógico. Encaramos a sua práxis como um direito de cidadania consagrado no reconhecimento de uma profissão, que se distingue pelo seu caráter pedagógico, criando contextos educativos, ações mediadoras e formativas, que dão resposta à competência profissional do educador social que possibilita: a) a inclusão do sujeito de educação perante diversidades e heterogeneidades sociais, promovendo o desenvolvimento da sua sociabilidade e a interação social, e; b) a promoção socio-cultural, perspetivada como uma abertura a outras possibilidades de aquisição de bens culturais, que se estendam a outras perspetivas pedagógicas, profissionais, de ocupação de tempos livres e de participação social.⁸

A Educação Social é encarada igualmente como um direito devido à consciência de responsabilidade pública perante os paradigmas sociais emergentes, a incidência de novas modalidades de exclusão, a necessidade de construir um novo mundo alicerçado na cooperação, integração, e promoção dos Direitos Humanos. São imperativos que nos levam a enfatizar, na atualidade, a práxis profissional do educador social. Em função dos direitos humanos, do Estado de direito e da democracia, tornou-se imprescindível garantir a igualdade de oportunidades, independentemente da condição, credo, cor de pele ou grupo social, pois se vive num mundo dividido por poderosos e vulneráveis, onde a coesão parece deixar de ser um valor matricial da Humanidade.⁹ A igualdade de oportunidades e o direito ao exercício de cidadania exige um novo olhar para o desenvolvimento humano, onde a educação é a chave mestra para todo o processo, numa lógica de educação, mas também de formação ao longo da vida. Este novo paradigma educativo, oriundo da sociedade económica, da globalização, da demografia, da evolução das tecnologias e sociedade de massas, das políticas de saúde pública, faz com que o ser humano assista hoje a um prolongamento crescente dos seus anos de vida. Deste modo, torna-se necessário fazer uma (re)adaptação do capital humano ao nível da formação e qualificação profissional. A educação não pode continuar a ser conceptualizada, apenas, a partir da sua forma escolar e no contexto das instituições educativas. Educar, hoje, é uma atividade que se exerce nos vários espaços e tempos da vida dos indivíduos. Assim, o desafio pas-

⁷ José García Molina, coord., *De Nuevo, la Educación Social* (Madrid: Dykinson, 2003).

⁸ Asociación Estatal de Educación Social (ASEDES), “Codigo Deontologico del Educador y Educadora Social”, ASEDES (2007), <https://www.uclm.es/-/media/Files/CO1Centros/cuceeyhum/GradoEducacionSocial/Practicas/CODIGODEONTOLOGICO.ashx?la=es>. Bruno Ferreira e Sílvia Azevedo, *Pertinência Profissional e Código Deontológico do Técnico Superior de Educação Social* (2011), http://wwwa.uportu.pt/siaa/Cursos/Codigo_Deontologico.pdf

⁹ Sílvia Azevedo, *Técnicos Superiores de Educação Social: Necessidade e Pertinência de um Estatuto Profissional* (Porto: Fronteira do Caos, 2011).

sa por promover aprendizagens que vão desde a infância até à velhice, realçando todas as etapas da vida, numa perspetiva intergeracional. A Educação Social assume um papel essencial neste processo, pois, ao longo da vida, apropriámo-nos de uma multiplicidade de experiências de aprendizagem, na escola, na família, nos grupos, nas comunidades e no verdadeiro sentido de direito aos Direitos e ao exercício da democracia.¹⁰

Vemo-nos obrigados a reforçar o contributo da aprendizagem para a coesão social, a cidadania ativa, o diálogo intercultural, a igualdade entre homens e mulheres e a realização pessoal. Contribuindo para aumentar a participação de pessoas de todas as idades, incluindo as pessoas com necessidades específicas e os grupos em situação de vulnerabilidade, e incentivar a melhor aplicação dos resultados e dos produtos e processos inovadores, bem como assegurar o intercâmbio de boas práticas.¹¹ Perante este cenário crescente de vulnerabilidade social torna-se urgente promover estratégias de participação comunitária assentes numa cultura de exercício dos direitos de cidadania.

Neste contexto, o educador social pode desempenhar um papel específico, uma vez que a sua ação socioeducativa se enquadra num novo paradigma educativo: a Pedagogia Social. Esta constitui o seu referente epistemológico, metodológico, ético e deontológico. A Pedagogia Social é a ciência educativa da educação social,¹² deste modo, o educador social, enquanto profissional de educação, procura exercer as suas funções e competências tendo como matriz disciplinar específica a Pedagogia Social. É a partir desta relação entre “Pedagogia Social” e “Educação Social” que se consolida o exercício profissional do educador social.

Convém, ainda, clarificar o sentido que atribuímos ao conceito de Pedagogia Social, indo até às origens do seu aparecimento. Podemos situar a sua emergência nos finais do século XIX. De acordo com vários autores,¹³ foi o pedagogo Paul Natorp quem, pela primeira vez, utilizou este conceito, conferindo-lhe um sentido próprio: realçar a importância da comunidade como principal agente educativo. A educação, nesta perspetiva natorpiana, não deve restringir-se à sua função instrutiva (contexto escolar), mas deve assumir um sentido social e envolver a comunidade local. Para este pedagogo, a vida social e cultural constitui a base das condições educativas. Neste sentido, a cultura (ou a vida simbólico-cultural)¹⁴ tende a ser a principal ferramenta mobilizada pelos educadores (sociais) no contexto do seu exercício profissional, uma vez que sem esta, a educação esvazia-se do seu conteúdo. Educar, para Natorp, significa inserir o indivíduo na sua

¹⁰ Bruno Ferreira, *Condeixa: da Ruralidade Mondeguina à Urbanização do Envelhecimento* (Condeixa: Musikater, 2008).

¹¹ Sílvia Azevedo, *Técnicos Superiores de Educação Social: Necessidade e Pertinência de um Estatuto Profissional* (Porto: Fronteira do Caos, 2011).

¹² Juan Sáez Carreras e José García Molina, *Pedagogía Social. Pensar la Educación Social Como Profesión* (Madrid: Alianza Editorial, 2006).

¹³ Juan Sáez Carreras, *Pedagogía Social y Educación Social. Historia, Profesión y Competencias* (Madrid: Editorial Pearson, 2007).

¹⁴ Fernando Canastra, *O Perfil Formativo-Profissional do Educador Social. Um Estudo a Partir das Narrativas Experienciais de Autoformação* (Tese de doutoramento, Universidade Aberta, 2007)

época cultural, proporcionando-lhe a possibilidade de usufruir dos bens culturais, ou seja, património cultural herdado das outras gerações.¹⁵

Esta visão da Pedagogia Social, recuperada a partir dos contributos de Paul Natorp, coloca-nos perante a necessidade de questionar algumas das visões que, presentemente, circulam no contexto da emergência da figura profissional do educador social.¹⁶ A educação social é tanto uma atividade educativa e social que se inscreve nos vários espaços-tempos educativos (e é protagonizada por vários atores profissionais), como uma atividade profissional exercida pelos educadores sociais (e que, ainda, se encontra em vias de profissionalização). Por conseguinte, importa inscrever os processos de profissionalização no quadro da matriz disciplinar da Pedagogia Social. Esta exigência parece ser a única forma de evitar o processo de “desprofissionalização” que tende a afetar esta nova figura emergente, perfil formativo e profissional dos educadores sociais inscreve-se na necessidade de clarificar o que se entende por profissionalização, Sáez Carreras¹⁷ propõe um modelo baseado em três vias: (a) histórica, (b) analítica e (c) prática.

A singularidade da Educação Social exige que o profissional paute a sua intervenção pelas especificidades dos sujeitos com os quais intervém, mantendo uma atitude reflexiva e uma postura ética¹⁸ fazendo, assim, que o exercício profissional do educador social assumam-se numa vertente socioeducativa ao serviço do cumprimento dos valores fundamentais de um Estado de Direito: igualdade perante todos os cidadãos, justiça social e pleno desenvolvimento da consciência democrática.¹⁹

No que diz respeito à formação e intervenção do educador social em Portugal, a própria educação, tende a ser perspectivada na ótica da educação e formação ao longo da vida e no contexto de uma nova legitimação: o exercício dos direitos de cidadania, neste sentido, é percecionado como a condição imprescindível para nos adaptarmos de forma criativa às exigências do novo milénio.²⁰ Este novo contexto e esta nova exigência são geradores, de novas necessidades educativas e novos perfis profissionais, a competência educativa tende, deste modo, a profissionalizar-se, para além dos “contextos formais” (instituições educativas).²¹

¹⁵ Juan Sáez Carreras e José García Molina, *Pedagogía Social. Pensar la Educación Social Como Profesión* (Madrid: Alianza Editorial, 2006).

¹⁶ Paciano Feroso, *Historia de la Pedagogía Social en España* (Valencia: Nau Libres, 2003); José Antonio Caride, *Las Fronteras de la Pedagogía Social: Perspectivas Científica e Histórica* (Barcelona: Gedisa, 2005); Jaume Trilla, *La Educación Fuera de la Escuela* (Madrid: Ariel, 2003).

¹⁷ Juan Sáez Carreras, *Educación y Aprendizaje en las Personas Mayores* (Madrid: Dykinson, 2003).

¹⁸ Ana Vieira e Ricardo Vieira, *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações* (Porto: Profedições, 2016).

¹⁹ Asociación Estatal de Educación Social (ASEDES), *Código Deontológico del Educador y Educadora Social*, ASEDES (2007), <https://www.eduso.net/wp-content/uploads/documentos/143.pdf>

²⁰ Juan Carlos Tedesco, *Los Desafíos de la Educación Básica en el Siglo XXI*, Revista Iberoamericana de Educación 55, 31-47 (2011).

²¹ Juan Sáez Carreras e José García Molina, *Pedagogía Social. Pensar la Educación Social Como Profesión* (Madrid: Alianza Editorial, 2006).

Os princípios reguladores da prática profissional da Educação Social em Portugal estão contemplados na Constituição da República Portuguesa (1976), em diversos dos seus capítulos e artigos fundamentais. O código deontológico do Educador Social, desde 2011, assume e corrobora os direitos defendidos na nossa constituição, código que procura estabelecer alguns princípios e regras, no quadro de uma ética profissional, para regular o exercício profissional dos educadores sociais.

A prática profissional da educação social em vias de profissionalização e, consequentemente, em (re)construção identitária tem dado passos sólidos a nível nacional. Também a realidade europeia acompanha este desenvolvimento. Os primeiros passos foram dados em conjunto com o Trabalho Social, e hoje encontram —la devidamente enquadrada dentro das Ciências da Educação, área 142 da Classificação Nacional de Áreas de Educação e Formação— CNAEF.

A construção da identidade profissional não se faz unilateralmente, mas encontra-se influenciada pelo percurso profissional e pelo associativismo que cada indivíduo enfrenta. Como os diferentes grupos no trabalho se identificam com os pares, com os chefes, com os outros grupos, a identidade no trabalho baseia-se em representações coletivas diferentes, que constroem os atores no sistema social da organização profissional.²² Trata-se de um “processo inacabado, permanente e interativo, implicando um diálogo multidirecional entre os socializadores e o socializado, exigindo renegociações permanentes conforme a ordem temporal, com as circunstâncias e os contextos de ação”,²³ sempre alicerçado na estória de vida do indivíduo. Como nos refere Esteves,²⁴ na construção do seu percurso profissional, o indivíduo analisa e interpreta vários sistemas tipificados, bem como as várias opções de conduta, ponderando as ambivalências associadas aos sentimentos de pertença e de referência que sustentam a sua identidade pessoal e que o empelam a mover-se e fazer a leitura da realidade onde se encontra inserido. Ainda assim, a identidade profissional focaliza-se no acesso ao poder, onde o investimento pessoal no trabalho poderá ser dentro ou fora do contexto onde o mesmo decorre, mas onde a influência do investimento determinará a consolidação da construção da identidade e, no que lhe concerne, influenciará as normas e condutas de comportamento relacional do indivíduo e dos restantes elementos do contexto onde este se insere, bem como fomentar a construção de valores, tais como o estatutário, o económico, o de afinidade, e/ou o de negociação, entre outros.

A identidade profissional é, ainda, uma identidade social particular (entre outras identidades sociais da pessoa), particularidade que decorre do lugar das profissões e do

²² Renaud Sainsaulieu, *L'Identité au Travail* (Paris: Press de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1985); Claude Dubar, *A Socialização. A Construção das Identidades Sociais e Profissionais* (Porto: Porto Editora, 1997).

²³ Ana Esteves, *A Construção da Identidade Profissional do Enfermeiro em Bloco Operatório* (Dissertação de mestrado, Politécnico de Setúbal, 2012).

²⁴ Ana Esteves, *A Construção da Identidade Profissional do Enfermeiro em Bloco Operatório* (Dissertação de mestrado, Politécnico de Setúbal, 2012).

trabalho no conjunto social e, mais especificamente, do lugar de uma certa profissão e de um certo trabalho na estrutura da identidade pessoal e estilo de vida de um ator. Qualquer indivíduo pode ser situado num ponto da sua trajetória profissional, desde que nos permita aceder às suas ilusões e desilusões, por referência ao seu contexto profissional e à sua identidade profissional sonhada, desejada ou reivindicada.²⁵ Segundo Pedro,²⁶ a identidade profissional deve ser perspectivada no quadro do processo de desenvolvimento do adulto, marcado pelas transições de vida, que incidem com maior ou menor imperatividade, numa perspetiva sistémica nos diferentes setores de vida, das quais podemos destacar:

- a) Zona de trabalho (profissional ou não);
- b) Zona da formação, zona do estilo de vida (vida pessoal, vida social e vida familiar);
- c) Zona das relações de intimidade (amor, amizade, relação de paternidade ou maternidade);
- d) Zona do “eu” — interessa salientar esta última para compreender o sentimento de identidade, a imagem de si próprio e os valores e as crenças do adulto.

As identidades profissionais não são estáticas, evoluem permanentemente com a história e a vida. Vão sendo construídas por escolhas relativamente conscientes que lhe conferem orientações e significações.²⁷

A construção da identidade profissional do Educador Social é complexa, do ponto de vista da composição, mas também da dinâmica. Esta construção social envolve uma interação entre a trajetória individual de cada técnico e o exercício profissional, não descurando a importância da socialização.

A Pedagogia Social tem-se encarregado de dar sentido à prática profissional da Educação Social, à formação dos seus profissionais (socializando e aculturando). No entanto, a Educação Social, historicamente, também é interpretada como um modo de socialização e aculturação profissional. A Educação Social na sua atividade académica também tem promovido a socialização e a formação dos educadores sociais, aliás tem vindo a produzir ciência, através da sua investigação, da sua práxis, análise crítica, da transmissão e difusão de cultura, da promoção da justiça social e do exercício de cidadania informado e responsável. Pela sua ação, tem tido o compromisso e o dever de contribuir

²⁵ Noémia Lopes, *Recomposição Profissional de Enfermagem* (Coimbra: Quarteto Editora, 2001); Fernando Pereira, *Identidades Profissionais, Trabalho Técnico e Cooperativismo Agrário em Trás-os-Montes e Alto Douro* (Tese de doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2004).

²⁶ Adriano Pedro, *Percursos e Identidades. A Reconstrução da Identidade Profissional do Docente de Enfermagem: o Olhar dos Docentes* (Tese de doutoramento, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011).

²⁷ Wilson Abreu, *Identidade, Formação e Trabalho. Das Culturas Locais às Estratégias Identitárias dos Enfermeiros* (Lisboa: Educa, 2001).

para a promoção e organização de ações de apoio social, cultural, educativo, artístico, científico e técnico.²⁸

A necessidade de profissionalização amplifica-se e estende-se pelos vários setores da vida social e comunitária, as “fronteiras”, outrora erguidas em torno do conceito de Educação, como, por exemplo, “educação formal, não formal e informal”, ou “educação extraescolar” ou, ainda, “educação social”, tendem a diluir-se face à necessidade de pensarmos cada ação educativa no quadro de uma lógica de “rede educativa comunitária”.²⁹ Estamos, por um lado, perante a necessidade de “territorializar a ação educativa”³⁰ e, por outro, de repensar a ação educativa local a partir das exigências da globalização. Falar, hoje, de Educação é repensar a perspetiva a partir da qual refletimos o seu papel e os seus territórios.

Estamos, por conseguinte, perante uma dupla exigência: repensar a Educação a partir de uma multiplicidade de tempos e espaços educativos e perspetivá-la numa dinâmica de aprendizagem ao longo da vida.³¹ Com esta interpretação, a Educação Social deve ser abordada a partir de um “olhar” cada vez mais complexo (interdependente), dando conta do seu “sentido social”,³² e ultrapassando certas visões redutoras como, por exemplo, aquela conceção, ainda bastante difundida de que a Educação se reduz, quase exclusivamente, à sua “forma escolar”.³³

Os significados que procuramos evidenciar do conceito de Educação inscrevem-se na necessidade de convocar uma “leitura dialógica”,³⁴ que nos permita ter em linha de conta a multidimensionalidade do agir pedagógico: (a) o papel da biografia social e educativa (hetero); (b) o papel da experiência que fazemos nos diversos contextos de vida (eco); (c) o papel da aprendizagem ao longo da vida (auto).

²⁸ Sílvia Azevedo, *Educação Social: Profissão ou Ciência? Contributos para uma Discussão Científica*, Interações 17, n.º 56 (2021).

²⁹ Rui Canário, *Aprender sem Ser Ensinado. A Importância Estratégica da Educação Não Formal* (Lisboa: Conselho Nacional de Educação, 2006); Fernando Canastra e Manuela Malheiro, *O Perfil Profissional do Educador Especializado (Social): uma Leitura Sócio-Histórica*, Cadernos de Pedagogia Social 2 (2008); José Antonio Cieza García, *El Compromiso y la Participación Comunitaria de los Centros Escolares. Un Nuevo Espacio-Tiempo de Intervención Socioeducativa*, Pedagogía Social - Revista Interuniversitaria 17 (2010).

³⁰ Rui Canário, *Aprender sem Ser Ensinado. A Importância Estratégica da Educação Não Formal* (Lisboa: Conselho Nacional de Educação, 2006).

³¹ Fernando Canastra, *O Perfil Formativo-Profissional do Educador Social. Um Estudo a Partir das Narrativas Experienciais de Autoformação* (Tese de doutoramento, Universidade Aberta, 2007); Gaston Pineau, *Temporalités en Formation* (Paris: Anthropos, 2000).

³² Juan Sáez Carreras, *Pedagogía Social y Educación Social. Historia, Profesión y Competencias* (Madrid: Editorial Pearson, 2007).

³³ Rui Canário, *Aprender sem Ser Ensinado. A Importância Estratégica da Educação Não Formal* (Lisboa: Conselho Nacional de Educação, 2006).

³⁴ Fernando Canastra, *O Perfil Formativo-Profissional do Educador Social. Um Estudo a Partir das Narrativas Experienciais de Autoformação* (Tese de doutoramento, Universidade Aberta, 2007); Fernando Canastra, *O Perfil Formativo-Profissional do(a) Educador(a) Social: Uma Experiência de Investigação a Partir do Enfoque Biográfico-Narrativo*, Revista Iberoamericana de Educación 49, n.º 8 (2009).

É neste contexto que se situa a necessidade de uma maior profissionalização no setor da prestação de serviços (sociais e/ou educativos), a emergência da figura atual do educador social que se enquadra nesta nova necessidade educativa.

A formação dos educadores sociais, em Portugal, ainda está em claro desenvolvimento. A APTSES tem desenvolvido ações no sentido de minimizar a insuficiente produção de textos, trabalhos de ação-reflexão e discussões sobre as práticas dos educadores sociais. A partilha de narrativas é indispensável na afirmação da identidade de uma profissão. A sua disseminação favorece a consciencialização profissional e a atitude crítica das práticas dos próprios profissionais.

A Educação Social, ao longo dos anos, foi sentindo alguns obstáculos na asserção da profissão e da formação, mas gerou a sua identidade profissional e a sua dissimelhança perante os demais profissionais da educação e do social, na produção teórica e conceitual, de sistematização e fundamentação da sua experiência e atividade, que vai além de um conhecimento prático da sociedade”.³⁵ É através da formação académica que se desenvolve uma atitude dinâmica e interativa de trabalho e formação do conhecimento. Legitimados pelos seus pares e pelos seus educandos, hoje os técnicos superiores de educação social são reconhecidos como profissionais pertinentes, com polivalência disciplinar e detentores de conhecimento científico cimentado pela sua práxis.³⁶

O Processo de Bolonha abriu a possibilidade de “harmonizar” o perfil de competências, proporcionou um debate em torno do perfil formativo-profissional do Educador Social.³⁷ Embora a Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino superior (A3ES), tentado com que a instituição do Ensino Superior contemple nos planos de estudos orientações para a concertação dos mesmos e respetivas saídas profissionais.

Por vezes, o que parece predominar neste tipo de oferta é uma lógica difusa, quer em termos de matriz disciplinar específica, quer no que toca ao perfil de saída. Confunde-se, com frequência, o perfil identitário do educador social com os âmbitos de intervenção (onde trabalha), ou com funções similares e próximas dos perfis clássicos importados de outras geografias (como, por exemplo, a figura do “educador especializado”), ou, ainda, como um trabalhador social que faz um trabalho educativo no âmbito da ação social, já para não falar do domínio em que o curso se encontra classificado, aparecendo nas Ciências Sociais, nas Ciências Sociais e do Comportamento, nas Ciências da Educação, no Trabalho Social e Orientação, etc.

³⁵ Carmen Celedón Lagos, *El Concepto de Trabajo Social. El Trabajo Social como Profesion: la Identidad del Trabajo Social*. (Madrid: Alianza Editorial, 2006).

³⁶ Sílvia Azevedo, *Educação Social: Profissão ou Ciência? Contributos para uma Discussão Científica*, *Interacções* 17, n.º 56 (2021).

³⁷ Fernando Canastra, *O Perfil Formativo-Profissional do Educador Social. Um Estudo a Partir das Narrativas Experienciais de Autoformação* (Tese de doutoramento, Universidade Aberta, 2007);

A este propósito, vale a pena seguir o critério organizador adotado por Sáez Carreras e García Molina³⁸ quando consideram que importa distinguir duas vertentes (ainda que complementares) quando nos referimos à Educação Social. Uma coisa é falar da profissão do educador social, outra é quando nos referimos à prática educativa e social (ou socioeducativa), onde trabalham tanto os “educadores sociais” como outros profissionais de educação e/ou do social. Na realidade, acontecendo, ainda, como dizem esses autores, é que só agora é que se começa a refletir sobre os principais elementos configuradores que sustentam a ideia de uma profissão no campo da Educação Social. Para Sáez Carreras,³⁹ encontramos-nos a dar passos na direção de “vias de profissionalização” desta atividade profissional.

A sua legitimação assenta na criação de condições para que todos os indivíduos possam exercer os seus direitos sociais e de cidadania, o seu papel privilegia a mobilização de uma pedagogia das condições de modo a promover “a sociabilidade de todos os cidadãos num contexto de redes sociais, possibilitando a fruição dos bens culturais que circulam socialmente, ampliando as perspetivas educativas, profissionais, de lazer e de participação social”.⁴⁰

Temos outros cursos que, ao privilegiarem a tradição do Animador Sociocultural e do Educador de Adultos, procuram inscrever o seu perfil formativo e profissional numa vertente de “Educação e desenvolvimento comunitário”. Nesta perspetiva, o educador social perceciona-se como um profissional de educação (não formal) que trabalha, preferencialmente, no contexto das mediações culturais, sociais e educativas (por exemplo, em instituições educativas, bibliotecas, museus, etc.) e numa vertente de “educação comunitária” (autarquias, associações de desenvolvimento local, etc.). Encontramos, ainda, outros cursos que articulam estes dois últimos perfis que acabámos de referir. Este processo de configuração do perfil formativo-profissional tende a assumir contornos complexos. Por essa razão, torna-se imperativo adotar um critério metodológico mais rigoroso. Sáez Carreras⁴¹ considera que, antes de mais, importa ter presente que a história não se repete nem se atualiza, de forma linear. Estamos, normalmente, perante uma construção sócio-histórica, que se faz a partir de momentos de continuidade e momentos de rutura. Estes processos de recomposição assumem dinâmicas próprias consoante a época, a cultura e a área geográfica, por isso, a figura atual do educador social, ainda que tenha como ponto de partida algumas destas influências, o processo de (re)configuração do perfil tende a privilegiar outras variáveis (ou, como diz Sáez Carreras,⁴² outras vias de profissionalização). Por conseguinte, ainda em termos de via histórica, importa ter

³⁸ Juan Sáez Carreras e José García Molina, *Pedagogía Social: Pensar la Educación Social Como Profesión* (Madrid: Alianza Editorial, 2006).

³⁹ Juan Sáez Carreras, *Educación y Aprendizaje en las Personas Mayores* (Madrid: Dykinson, 2003).

⁴⁰ Juan Sáez Carreras e José García Molina, *Pedagogía Social: Pensar la Educación Social Como Profesión* (Madrid: Alianza Editorial, 2006).

⁴¹ Juan Sáez Carreras, *Pedagogía Social y Educación Social. Historia, Profesión y Competencias* (Madrid: Editorial Pearson, 2007).

⁴² Juan Sáez Carreras, *Educación y Aprendizaje en las Personas Mayores* (Madrid: Dykinson, 2003).

presente as influências geradas pelo pensamento pedagógico quer de Natorp, quer de Nohl. Na realidade, quando hoje se defende que o educador social deve ter como matriz disciplinar a Pedagogia Social, é com base no contributo destes dois pedagogos (entre outros). Esta perspetiva coloca-nos perante outra via de profissionalização, a via analítica. Neste caso, procura-se realçar o processo de teorização e conceptualização da atividade socioeducativa protagonizada pela atual figura do educador social. Este trabalho analítico consiste na tentativa de procurar organizar (em termos disciplinares e numa vertente de investigação) os vários contributos provenientes da importação conceptual que se faz a partir das diversas áreas disciplinares (Ciências Humanas e Sociais).

Para além desta organização e gestão desta atividade transdisciplinar, outra vertente deste trabalho analítico consiste em produzir conhecimento próprio (para uso pedagógico), tendo como cenário específico as práticas sociais e educativas protagonizadas pelos atuais educadores sociais. Finalmente, em relação a via prática, o que se pretende destacar é o processo de consolidação da profissionalidade desta figura emergente relacionada com o educador social, neste sentido, importa convocar o papel que desempenham alguns dos principais atores: (a) o Estado, (b) o Mercado e (c) os Profissionais.

Em relação aos profissionais, como aconteceu em Espanha, o papel das associações profissionais tende a constituir-se numa das principais condições para que se reforce o sentido dos processos de profissionalização dos educadores sociais, o estatuto profissional do Educador Social⁴³ depende, na maioria, do papel que este ator possa desempenhar.

Estas três vias enunciadas, constituem uma base interessante para se repensar o perfil formativo-profissional dos Educadores Sociais portugueses. Importa, por isso mesmo, produzir consensos mínimos e partilhados por estes atores. Torna-se necessário aprofundar (enquanto estratégia nacional) o perfil desejável para formarmos educadores sociais. O perfil formativo-profissional assenta em três pressupostos:

- a) A emergência da figura atual do educador social enquadra-se na exigência de proporcionar novas respostas perante a necessidade de promover o exercício dos direitos de cidadania;
- b) A profissionalização desta nova figura inscreve-se numa conceção educativa que privilegia a “rede educativa comunitária”;
- c) A formação inicial deve ter como matriz disciplinar específica a Pedagogia Social.

O exercício profissional dos educadores sociais enquadra-se e legitima-se no âmbito do reconhecimento de um direito de cidadania, todos os indivíduos têm direito à educação, entendida esta, cada vez mais, como um processo que acontece ao longo da vida⁴⁴ e nos diversos espaços/tempos educativos.⁴⁵ A profissionalização dos educadores sociais

⁴³ Sílvia Azevedo, *Técnicos Superiores de Educação Social: Necessidade e Pertinência de um Estatuto Profissional* (Porto: Fronteira do Caos, 2011).

⁴⁴ Jacques Delors, *Learning: The Treasure Within* (Paris: UNESCO Publishing, 1996).

⁴⁵ Gaston Pineau, *Temporalités en Formation* (Paris: Anthropos, 2000).

só pode concretizar-se se privilegiar a vertente pedagógica como ferramenta de trabalho, estamos, deste modo, perante a necessidade de afirmar a profissão do educador social como uma profissão educativa. O educador social, se quiser consolidar o seu estatuto profissional e ser reconhecido jurídica, política e socialmente como tal, terá que se perfeccionar como um profissional de educação, que exerce a sua atividade numa lógica de 'interface' no quadro da relação entre família, escola e comunidade local.

Com base no enumerado anteriormente, o perfil formativo e profissional passa por formar profissionais de educação que exerçam funções e competências nos diversos espaços e tempos educativos.⁴⁶ Tendo como propósito promover o exercício dos direitos de cidadania, é neste contexto que os futuros Técnicos Superiores de Educação Social inscrevem a sua competência profissional, exercendo funções e competências ao nível do(a):

- a) Acompanhamento socioeducativo (no âmbito de situações de vulnerabilidade e/ou exclusão social);
- b) Mediação cultural, social e educativa (no âmbito da relação, escola, família e comunidade local);
- c) Gestão de serviços e recursos socioeducativos (no âmbito da rede educativa comunitária).

Quanto ao perfil de saída, os diplomados em Educação Social irão intervir, do ponto de vista pedagógico, nos seguintes contextos socioeducativos:

- a) Educação e desenvolvimento comunitário (instituições educativas, administração pública (central, regional e local), associações, ONG, centros culturais, centros de atividades desportivas, cultura, lazer e turismo, centros de formação, etc.);
- b) Serviço educativo (bibliotecas, museus, fundações, administração pública (central, regional e local), centros de interpretação, centros de difusão científica, cultural e ambiental, etc.);
- c) Serviços sociais (centro de recursos no contexto da deficiência, centros penitenciários, centros de saúde, hospitais, lares de acolhimento de crianças, jovens e idosos, etc.).

Em suma, a formação inicial dos educadores sociais em Portugal, tende a inscrever-se numa lógica difusa. Tanto ao nível do perfil formativo-profissional, como ao nível do seu referente competencial, importa reforçar a importância de um modelo formativo, tendo como matriz disciplinar específica a Pedagogia Social.⁴⁷

⁴⁶ Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social (APTSES), *Proposta de Estatuto Profissional do Técnico Superior de Educação Social* (2007), <http://www.aptses.pt/estatuto-do-tecnico-superior-de-educacao-social/>.

⁴⁷ Fernando Canastra e Bruno Ferreira, *A Formação dos Educadores Sociais no Quadro da Pedagogia Social* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 201

Há ainda um futuro de (in)certezas

O caminho constrói-se caminhando. A caminhada ainda será longa, mas convém referir que o percurso deverá ser feito através de uma união entre o coletivo profissional, através do associativismo. O papel da Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social - APTSES na afirmação da identidade profissional dos educadores sociais tem sido preponderante, apostando na visibilidade da profissão e credibilidade externa. Com a intervenção da APTSES definem-se os desafios atuais e oportunidades da Educação Social, que aquando da sua constituição, interveio no sentido de um adequado enquadramento profissional dos educadores sociais enquanto técnicos superiores. Nos nossos dias, os profissionais da Educação Social têm de enfrentar um conjunto de desafios para se darem a conhecer e para darem visibilidade ao seu espaço de intervenção.⁴⁸

No caso concreto da Educação Social em Portugal, integrar a Associação Profissional (APTSES) possibilita, ainda, assumir um papel mais ativo nos processos de negociação do contrato social. A afirmação da identidade profissional dos educadores sociais tem sido construída, na maioria, pelas práticas dos próprios profissionais nos espaços sociais e institucionais.⁴⁹ Não podemos ignorar que a própria configuração da Educação Social atualmente não pode estar desligada das características da sociedade, marcada pela imprevisibilidade.⁵⁰

A investigação de Nascimento⁵¹ evidencia as conceções e práticas do associativismo profissional dos Técnicos Superiores de Educação Social e conclui que a maioria dos inquiridos afirmaram conhecer o associativismo profissional, priorizaram neste tipo de associativismo ações que potenciam o desenvolvimento pessoal e profissional. É notória uma relação de afastamento e/ou indisponibilidade para a prática associativa profissional relacionada com o (não) reconhecimento de interesses e benefícios pessoais nestas estruturas e com a dimensão económica (pagamento de quotas). A regulação e legitimação profissional, bem como o acesso à informação disponibilizados pelas associações em relação à sua profissão, assumiam prioridades nas suas motivações, ao contrário do estatuto social alcançado através da profissão, que não apresentava grande expressividade, nem se apresentava como uma prioridade para o grupo de inquiridos/as.

Para o bem maior do coletivo profissional e da profissão dos Educadores Sociais Portugueses, urge mudar as conclusões do estudo agora apresentado, pois as associações profissionais são fundamentais para a construção da identidade profissional de qualquer

⁴⁸ Sílvia Azevedo e Fátima Correia e Érica Machado e Jacyara Paiva, *Educação Social: Caminhos Percorridos, Desafios e Oportunidades Contemporâneas. Aproximações entre Portugal e o Brasil*, Saber & Educar 22 (2017).

⁴⁹ Gloria Pérez-Serrano, *Pedagogía Social — Educación Social. Construcción Científica e Intervención Práctica* (Madrid: Narcea, 2003).

⁵⁰ Fátima Correia e Teresa Martins e Sílvia Azevedo e Paulo Delgado, *A Educação Social em Portugal: Novos Desafios para a Identidade Profissional*, Interfaces Científicas – Educação 3 (2014).

⁵¹ Paula Nascimento, *Associativismo Profissional: Conceções e Práticas dos/as Técnicos/as Superiores de Educação Social (TSES)* (Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Lisboa, 2018).

profissão, possibilitam a reflexão sobre os valores, princípios e padrões de desempenho que sustentam o *ethos profissional*.⁵²

O tempo foi passando, os técnicos alargaram o seu leque de intervenção e integraram-se em cada vez mais resposta socioeducativas e culturais, e os sete desafios do Educador Social, defendidos para o novo milénio pelo pedagogo José António Caride Gómez, enfatizados por Azevedo,⁵³ continuam em plena atualização e deverão continuar a ser linha orientadora da práxis profissional, vejamos:

1. Contribuir para reinventar conceptualmente a educação (formar pessoas para a vida, dentro da própria vida, para viverem o seu quotidiano como cidadãos críticos, responsáveis e conscientes);
2. Educação para todos e todas (educação como direito fundamental dos seres humanos, como condição de suporte das pessoas e sociedades: dignidade, liberdade, igualdade, direito a opinião e expressão — estimulando a educação como fator de desenvolvimento para todos);
3. Educação permanente (interação de pessoas das mais diferentes faixas etárias, fomentar o respeito, a solidariedade e a tolerância entre gerações, desenvolvendo espaços de aprendizagem para a toda a vida);
4. Educação como compromisso de acesso ao trabalho e à formação contínua para requalificação profissional (educação para acesso ao trabalho, contínua profissionalização e reeducação nas atividades de grupos de trabalho, a educação social deve comprometer-se decididamente com os processos de transição, desde a sua formação escolar ao mundo laboral; deve dar respostas satisfatórias para aceder e desempenhar um trabalho);
5. Reivindicar uma educação desde a diversidade e para a diversidade (através da educação deve ser possível criar entre as pessoas, vínculos sociais; desenvolver respeito mutuo independentemente da sua origem, raça, crença ou identidade cultural e que reconheçam sempre a heterogeneidade e o pluralismo étnico, linguístico e cultural; desenvolvimento de práticas educativas solidárias e tolerantes na sociedade; ações educativas que contribuam para respeitar e reconhecer diferenças, fomentando a integração social de minorias e a vivência de interculturalidade e livre exercício dos direitos e liberdades);
6. Desenvolver a participação social em cada realidade circundante (estimular nas pessoas o desejo de participação ativa, crítica, responsável e consciente na comunidade onde se inserem, de modo a tornar as sociedades mais autónomas e livres para tomadas de decisão conscientes — participação social);

⁵² Fátima Correia e Teresa Martins e Sílvia Azevedo e Paulo Delgado, *A Educação Social em Portugal: Novos Desafios para a Identidade Profissional*, Interfaces Científicas – Educação 3 (2014).

⁵³ Sílvia Azevedo, *Técnicos Superiores de Educação Social: Necessidade e Pertinência de um Estatuto Profissional* (Porto: Fronteira do Caos, 2011): 55-6.

7. Educação em contextos sociais e na busca de maior dignidade humana (trabalho educativo em contexto social, tendo como finalidade o bem-estar pessoal e social das pessoas e melhorar a sua qualidade de vida, enfrentando as problemáticas sociais, criando alternativas numa perspetiva educacional, psicológica, social e cultural.

Por tudo o que foi referido, afirmámos que os profissionais da Educação Social são detentores de um saber pedagógico especializado, encontrando-se em posição de fazer subordinar as interpelações da contemporaneidade. Com aptidões para promover as condições de perfeitabilidade e educabilidade de todos os indivíduos, em particular dos mais vulneráveis, ponto de ancoragem essencial do ethos (do carácter) da Educação Social. São técnicos com uma multiplicidade de competências, que visam o desenvolvimento holístico do ser humano e também dar um importante contributo à investigação sobre as temáticas com que intervêm numa ótica de afirmação científica.

Conclusão

O texto “*Educadores sociais portugueses: pertinência, formação e identidade profissional em (re)construção*” é um contributo histórico-profissional para a profissão, bem como uma reflexão acerca dos desafios que se colocam presentemente aos educadores sociais e à Educação Social.

Afirmamos que se trata de profissão imprescindível, reconhecidamente amadurecida e respeitada, uma prática que coopera na produção positiva e diferenciada junto de indivíduos e grupos humanos, influenciando decisivamente as políticas sociais e a intervenção de uma pluralidade de atores, de instituições, serviços e organismos públicos. Isto deve-se à participação dos próprios profissionais e à forma como têm sabido inscrever o seu contributo nos diferentes contextos de práxis sociopedagógica.⁵⁴

Na atual sociedade pretende-se uma visão do mundo mais igualitário, solidário, inclusivo e democrático, apoiado no paradigma sócio crítico/radical e tendo por base a visão do Ser Humano, capaz de olhar o mundo de forma informada e capaz de intervir, num quadro de valores necessariamente inteligíveis e conscientes.⁵⁵ A capacidade de adaptabilidade, criatividade, resiliência, solidariedade e empatia são notórias e facilitaram a vivência nestes tempos complexos.

Embora tenha existido uma afirmação do trabalho desempenhado pelo educador social, continua a ser imperativo refletir, sistematizar e implementar estratégias para o crescimento da profissão. É vital que os governos reconheçam o papel crítico desempenhado pelos educadores sociais⁵⁶ e que haja um maior investimento na investigação

⁵⁴ Isabel Baptista, *Ética e Educação Social – Interpelações de Contemporaneidade*, *Pedagogia Social - Revista Interuniversitaria* 19 (2012).

⁵⁵ Cláudia Luísa, *A Educação Social e os Direitos Humanos em Tempos de Pandemia*, *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social* 8, n.º 2 (2022).

⁵⁶ Cláudia Luísa, *A Educação Social e os Direitos Humanos em Tempos de Pandemia*, *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social* 8, n.º 2 (2022).

científica e na defesa da Educação Social como uma ciência com maturidade para ser independente das demais áreas, que forma a sua âncora inicial.

A construção de um futuro melhor para as próximas gerações não será tarefa fácil, nem pode assentar num esforço isolado. Será necessário ter determinação e coragem política e conseguir a adesão da sociedade no seu todo. Em causa está um bem comum em prol de um futuro comum.⁵⁷

Bibliografia

Abreu, Wilson. “Identidade, Formação e Trabalho. Das Culturas Locais às Estratégias Identitárias dos Enfermeiros”. Lisboa: Educa, 2001.

Asociación Estatal de Educación Social (ASEDES). “Codigo Deontologico del Educador y Educadora Social”. ASEDES, 2007. <https://www.eduso.net/wp-content/uploads/documentos/143.pdf>

Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social (APTSES). “Proposta de Estatuto Profissional do Técnico Superior de Educação Social”. APTSES, 2007. <http://www.aptses.pt/estatuto-do-tecnico-superior-de-educacao-social/>

Azevedo, Sílvia. “Educação Social: Profissão ou Ciência? Contributos para uma Discussão Científica”. *Interações* 17, n.º 56 (2021): 50-67.

Azevedo, Sílvia. “Técnicos Superiores de Educação Social: Necessidade e Pertinência de um Estatuto Profissional”. Porto: Fronteira do Caos, 2011.

Azevedo, Sílvia, Fátima Correia, Érica Machado, e Jacyara Paiva. “Educação Social: Caminhos Percorridos, Desafios e Oportunidades Contemporâneas. Aproximações entre Portugal e o Brasil”. *Saber & Educar* 22 (2017): 62-71. <http://doi.org/10.17346/se.vol22.259>.

Baptista, Isabel. “Ética e Educação Social – Interpelações de Contemporaneidade”. *Pedagogia Social - Revista Interuniversitaria* 19 (2012): 37-49.

Canário, Rui. “Aprender sem Ser Ensinado. A Importância Estratégica da Educação Não Formal”. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, 2006.

Canastra, Fernando. “O Perfil Formativo-Profissional do Educador Social. Um Estudo a Partir das Narrativas Experienciais de Autoformação”. Tese de doutoramento, Universidade Aberta, 2007.

⁵⁷ Comissão Europeia, “Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões - A Hora da Europa: Reparar os Danos e Preparar o Futuro para a Próxima Geração” (2020): 20, <https://bit.ly/3eSUDCN>.

- Canastra, Fernando. "O Perfil Formativo-Profissional do(a) Educador(a) Social: Uma Experiência de Investigação a Partir do Enfoque Biográfico-Narrativo". *Revista Iberoamericana de Educación* 49, n.º 8 (2009): 1-10.
- Canastra, Fernando e Manuela Malheiro. "O Perfil Profissional do Educador Especializado (Social): uma Leitura Sócio-Histórica". *Cadernos de Pedagogia Social* 2 (2008): 61-80.
- Caride, José Antonio. "Las Fronteras de la Pedagogía Social: Perspectivas Científica e Histórica". Barcelona: Gedisa, 2005.
- Carreras, Juan Sáez e José García Molina. "Pedagogía Social. Pensar la Educación Social Como Profesión". Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- Cieza García, José Antonio. "El Compromiso y la Participación Comunitaria de los Centros Escolares. Un Nuevo Espacio-Tiempo de Intervención Socioeducativa". *Pedagogía Social - Revista Interuniversitaria* 17 (2010): 123-36.
- Comissão Europeia. "Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões – A Hora da Europa: Reparar os Danos e Preparar o Futuro para a Próxima Geração" (2020). <https://bit.ly/3eSUDCN>
- Correia, Fátima, Teresa Martins, Sílvia Azevedo, e Paulo Delgado. "A Educação Social em Portugal: Novos Desafios para a Identidade Profissional". *Interfaces Científicas – Educação* 3, n.º 1 (2014): 113-24.
- Delors, Jacques. "Learning: The Treasure Within". Paris: UNESCO Publishing, 1996.
- Dubar, Claude. "A Socialização. A Construção das Identidades Sociais e Profissionais". Porto: Porto Editora, 1997.
- Esteves, Ana. "A Construção da Identidade Profissional do Enfermeiro em Bloco Operatório". Dissertação de mestrado, Politécnico de Setúbal, 2012.
- Fermoso, Paciano. "Historia de la Pedagogía Social en España". Valencia: Nau Libres, 2003.
- Ferreira, Bruno. "Condeixa: da Ruralidade Mondeguina à Urbanização do Envelhecimento". Condeixa: Musikater, 2008.
- Ferreira, Bruno e Sílvia Azevedo. "Pertinência Profissional e Código Deontológico do Técnico Superior de Educação Social". APTSES, 2011. http://www.uportu.pt/siaa/Cursos/Codigo_Deontologico.pdf.

- Lagos, Carmen Celedón. "El Concepto de Trabajo Social. El Trabajo Social como Profesión: la Identidad del Trabajo Social. El Trabajo Social como Disciplina Científica. La Tecnología y el Trabajo Social". In *Introducción al Trabajo Social*, coordinado por Tomás F. García e Carmen Bracho, 250-76. Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- Lopes, Noémia. "Recomposição Profissional de Enfermagem". Coimbra: Quarteto Editora, 2001.
- Luísa, Cláudia. "A Educação Social e os Direitos Humanos em Tempos de Pandemia". *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social* 8, n.º 2 (2022): 1-14. <https://doi.org/10.31211/rpics.2022.8.2.268>
- Molina, José García. "De Nuevo, la Educación Social". Madrid: Dykinson, 2003.
- Nascimento, Paula. "Associativismo Profissional: Conceções e Práticas dos/as Técnicos/as Superiores de Educação Social (TSES)". Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Lisboa, 2018.
- Pedro, Adriano. "Percurso e Identidades. A Reconstrução da Identidade Profissional do Docente de Enfermagem: o Olhar dos Docentes". Tese de doutoramento, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011.
- Pereira, Fernando. "Identidades Profissionais, Trabalho Técnico e Cooperativismo Agrário em Trás-os-Montes e Alto Douro". Tese de doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2004.
- Pérez-Serrano, Gloria. "Pedagogía Social – Educación Social. Construcción Científica e Intervención Práctica". Madrid: Narcea, 2003.
- Pineau, Gaston. "Temporalités en Formation". Paris: Anthropos, 2000.
- Sáez Carreras, Juan. "Educación y Aprendizaje en las Personas Mayores". Madrid: Dykinson, 2003.
- Sáez Carreras, Juan. "Pedagogía Social y Educación Social. Historia, Profesión y Competencias". Madrid: Editorial Pearson, 2007.
- Sáez Carreras, Juan e García Molina, José. "Pedagogía Social. Pensar la Educación Social Como Profesión". Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- Sainsaulieu, Renaud. "L'Identité au Travail". Paris: Press de la FoudatióN Nationale des Sciences Politiques, 1985.

Tedesco, Juan Carlos. “Los Desafíos de la Educación Básica en el Siglo XXI”. *Revista Iberoamericana de Educación* 55 (2011): 31-47.

Timóteo, Isabel e Ana Bertão. “Educação Social Transformadora e Transformativa: Clarificação de Sentidos”. *Sensos* 2, n.º 1 (2012): 11-26.

Trilla, Jaume. “La Educación Fuera de la Escuela. Madrid”: Ariel, 2003.

Vieira, Ana e Vieira, Ricardo. “Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações”. Porto: Profedições, 2016.